

Charlotte Roche

Zonas Íntimas

Schoßgebete

Traduzido do alemão por
João Henriques



Para o Martin

Terça-feira

Como acontece sempre antes do sexo, ligámos os dois cobertores eléctricos meia hora antes de entrarmos na cama. O meu marido comprou uns cobertores eléctricos topo de gama, que nos tapam da cabeça aos pés. Como foram para mim, o investimento teve de ser um pouco maior. É que tenho um medo desgraçado que estas coisas comecem a arder e eu morra queimada viva durante o sono ou acabe sufocada pelo fumo. Em teoria, os nossos cobertores desligam-se automaticamente ao fim de meia hora. Deitamo-nos lado a lado na cama aquecida a 40 graus e ficamos a olhar para o tecto. O calor contraí o corpo e ponho-me logo a respirar fundo, com um sorriso nos lábios, excitada e expectante. Depois viro-me para ele e beijo-o. A minha mão vai direitinha para dentro das suas calças de *yoga*, tamanho XXL e sem qualquer fecho ou coisa do género onde os pêlos ou o prepúcio possam ficar entalados. Não lhe pego logo na pila. A mão continua a deslizar dentro das calças até chegar aos tomates. É a partir deste momento que começo a trair a minha mãe, que tanto ódio tem aos homens. Ela tentou ensinar-me que o sexo é uma coisa má. Mas comigo isso não pegou.

Inspirar fundo, expirar fundo. Este é o único momento do dia em que eu respiro correctamente. Na maior parte do tempo respiro apenas baixinho, numa espécie de estertor. Sempre vigilante, sempre controlada, sempre preparada para o pior. Quando faço sexo, mudo por completo a minha personalidade. A Dr.^a Drescher, a minha psicoterapeuta, é da opinião de que eu, subconscientemente, me divido em duas partes porque a minha mãe feminista quis que eu me tornasse um ser assexual. E é só para não a trair que, na cama, me vejo obrigada a tornar-me uma outra pessoa. A coisa funciona muito bem. É na cama que eu me liberto totalmente. Não tenho vergonha de nada. Sou a lascívia em pessoa. Nessas alturas deixo de me sentir um ser

humano e fico um animal. Esqueço todos os problemas e obrigações. Sou apenas o meu corpo e já não o espírito cansativo. O meu rosto desliza lentamente até aos genitais dele. Inalo o seu odor de homem e parece-me que não é muito diferente do cheiro feminino. Quando não toma banho imediatamente antes do sexo – e quase nunca se toma banho antes quando já se está junto há tanto tempo como nós estamos –, uma ou duas gotas de urina já começaram a fermentar entre a glândula e o prepúcio. É o mesmo cheiro que ficava na cozinha da minha avó, depois de ela fritar peixe no fogão a gás. Fecho os olhos e continuo. Fico um pouco agoniada, mas ao mesmo tempo este nojo excita-me. O cheiro passa depois de eu limpar tudo depressa com a língua. Como uma vaca que lambe a cria para a lavar. Enterro o rosto farejante na suavidade do seu escroto e esfrego a minha cara no pau feito. Fica teso logo quando nos beijamos na boca. O meu marido Georg é bastante mais velho do que eu e estou curiosa para ver até quando é que vai conseguir ter erecções sem problemas. Ponho-me a beijar-lhe as virilhas. Julgo que é assim que se chama a parte onde as pernas se juntam ao tronco. Por essa altura, o mais tardar, ouço-o gemer baixinho e pedir que continue. Agora trata-se apenas de o servir. Pondero ao certo qual o ritmo a impor, de modo a deixá-lo fora de si. Primeiro só o provooco. Fico-me pelas virilhas, com a mão ainda a envolver os tomates. Deixo lentamente de beijar para passar a lambe-los e faço barulhos ruidosos com a língua, para que ele não só sinta mas também oiça o que estou a fazer. Debaixo dos tomates, sinto o prolongamento do corpo cavernoso que se estende até ao períneo. Também se diz períneo no caso dos homens? É possível reconhecer aí uma linha que se assemelha a lábios vaginais ligados um ao outro. Pois é, é tudo a mesma coisa. Na verdade, estou a satisfazê-lo da maneira que eu gosto. Imagino que ele tem uma vagina, assim esticada, a sobressair! Aperto os tomates com mais força e massajo-lhe o corpo cavernoso.

Para ter também algum prazer, ponho-me a roçar a vagina no joelho dele. Se arquear um pouco as costas, a coisa funciona na perfeição. A minha língua passa lentamente das virilhas para o pénis. Lambo-o de alto a baixo, deixando-o completamente húmido e vou respirando para cima, para ele sentir o ar fresco nas zonas molhadas. Da pila a

minha língua desce aos tomates. Sorvo os dois tomates para dentro da boca e ponho-me a brincar com eles lá dentro. Aprendi que tenho de ter cuidado para não torcer o canal dos testículos. Já uma vez lhe fiz isso e magoei-o imenso! Debaixo dos tomates, massajo-lhe o períneo com a língua e cuspo-lhe para o ânus antes de lá ir com o dedo. Ponho a língua dura e espetada e faço-a regressar para cima, percorrendo o períneo e o escroto, por entre os tomates, até chegar à glândula, ao mesmo tempo que passo lentamente o dedo indicador à volta do ânus. Antes disso, humedeço com cuspo os meus lábios e a glândula. Quando começo a chupar a glândula, abro os lábios apenas um bocadinho, para que a boca fique bem apertada como ele gosta. Depois deixo entrar e sair só a ponta da glândula. Para dentro e para fora. Para dentro e para fora. Para dentro e para fora. Continuo sempre a deixar o cuspo correr. Foi uma coisa que, em tempos, aprendi com um homem qualquer: o movimento é doloroso quando está tudo seco e há fricção. Meto a pila cada vez mais fundo na boca. Para baixo, envolvo a pila inteira com os lábios. Para cima, continuo ainda a chupar. Ao chegar a cima, o vácuo provoca um estalido. A minha boca leva sempre consigo o prepúcio até cima, cobrindo a glândula. A língua vai agora andando sempre às voltas e a glândula enche-me o interior da bochecha. Nos filmes pornográficos, as mulheres estão sempre a puxar a pele para baixo e para cima com a mão. Isso com o meu marido não funciona, especialmente a parte de puxar para baixo, que lhe dói mesmo a sério. Porém, não faço ideia por que razão mostram sempre isso nos filmes pornográficos. Li uma vez num livro sobre sexo que, quando a mulher faz esse movimento com a mão, o melhor é fazê-lo com a mão esquerda, se for destra, pois assim não irá agarrar com demasiada força, podendo colocar mais sentimento na coisa.

Infelizmente, e ao contrário das atrizes dos filmes pornográficos, não consigo fazer aquele truque de enfiar a pila toda dentro da boca e engoli-la para além da úvula. Já por várias vezes quase vomitei, tendo rapidamente de voltar a engolir o vômito. Não se pode imitar tudo o que se vê nos filmes pornográficos! Também já tentei muitas vezes engolir o esperma. Comigo também não resulta. Quando engulo, acho o sabor e a textura lá atrás na garganta tão nojentos, que simplesmente não consigo fazer a coisa descer. Tenho então uns

vómitos muito fortes, coisa que o homem também não gosta muito de ouvir. Só com enormes dotes de actriz é que conseguiria levar isso por diante, o que me parece trabalho a mais. É possível que o conseguisse num *one night stand*, mas não poderia enganar o meu marido dessa forma. Ele sabe que eu detesto fazer aquilo, por isso também não quer que eu faça. A única coisa que tolero é que ele se venha na minha boca, mas depois deito o jacto de esperma cá para fora com a língua. Por vezes, a boca e a articulação do maxilar precisam de uma pausa. É então que pego na pila já húmida de tão chupada e puxo cuidadosamente o prepúcio de novo para cima, para cobrir a glande. É uma coisa que não teria descoberto por mim própria. Só que uma vez, quando nos estávamos a vir juntos, pedi ao meu marido para se masturbar. Faz-se coisas tão divertidas quando se está junto há pouco tempo. Aprendi bastante com isso. Com o tempo fiquei a saber que quanto mais os meus movimentos de mãos e pés se assemelharem à sua masturbação, melhor é para ele. As ideias de uma pessoa não conseguem competir com décadas de socialização sexual. O meu desafio consiste, portanto, em aproximar-me tanto quanto possível daquilo que é a sua masturbação, embora naturalmente com mais meios. Ele só pode utilizar a mão, enquanto eu posso fazer uso da língua, da boca e por aí fora. Quando o satisfaço com a mão, levanto-lhe os tomates contra a pila enquanto lhe fricciono a glande com a outra mão. É para ele ter a sensação de que lhe estou a envolver tudo.

Por esta altura, está deitado de costas, como uma barata, completamente rendido. Com as pernas afastadas, braços esticados e olhos revirados, como em transe. Quando está assim, fico com uma forte sensação de poder. Podia cortar-lhe a garganta que ele nem sequer iria reparar. Abandono de vez em quando o papel de serviçal na cama e fico a observar a cena como se não estivesse a participar. Não posso então deixar de esboçar um leve sorriso, pois tudo aquilo que nos pomos a fazer me parece bastante cómico. Mas rapidamente afasto isso da cabeça e volto ao trabalho com a seriedade que se exige.

Na maioria das vezes, começamos com um de nós a dar prazer ao outro. Quando fazemos o 69, acabamos sempre por constatar que, apesar de ser óptimo ver as partes tão de perto, se fica tão absorvido a dar prazer ao outro que não se consegue desfrutar bem da coisa.

Ou uma coisa ou outra! Não é que tenhamos já falado abertamente sobre o assunto, mas é algo que se conclui sem ser preciso falar. É assim que nós comunicamos sexualmente. Quando estou eu a dar-lhe prazer, fico sempre atenta à possibilidade de me poder roçar em algum sítio, uma vez que ele já vai bem adiantado na sua excitação e eu me vejo a ficar para trás, numa situação difícil. Quando concedo uma pausa à articulação do meu maxilar e me ponho a puxar para cima e para baixo a pele da pila, com toda a dedicação de ambas as mãos, sento-me de pernas abertas com a vagina em cima da coxa dele e ponho-me a conspurcar a perna toda. Acabamos sempre por ficar num êxtase absoluto e sinto bastante orgulho daquilo que consigo fazer com o meu marido.

Para além do cobertor eléctrico, há porém uma outra medida que tem de ser sempre tomada. Tenho um medo terrível que os nossos vizinhos nos ouçam a fazer sexo. Por isso, um dos preliminares é verificar se as portas e janelas estão todas fechadas. Só assim é que consigo ficar completamente descontraída. Raramente aconteceu eu ter confiado no meu marido e ele ter-se esquecido de fechar uma janela. Mas se me dou conta do esquecimento, depois de toda aquela gritaria na cama, fico absolutamente corada de vergonha. E isso também incomoda muito os vizinhos. O meu marido está sempre a gozar comigo por causa desta minha reacção. De um ponto de vista terapêutico, é muito fácil para ele assumir tal posição, uma vez que pode contar comigo para desempenhar o papel de pessoa constrangida em nome dos dois. Numa relação, as pessoas assumem o papel que ainda está livre. Eu assumo a posição daquela que sente pânico, constrangimento e vergonha. E isso permite-o ser o descontraído e o exibicionista. Sou eu que me certifico também de que ninguém o ouve a ele. Fecho janelas, portas e cortinados. Às vezes, saio para diante da casa às escuras, de roupão e digo-lhe que se recoste na cama, com a luz acesa, para eu testar se é possível ver alguma coisa lá para dentro. Por vezes, os nossos cortinados parecem-me demasiado finos. São feitos de seda de gravata, com um padrão de cornucópias castanhas.

No Inverno, nem sempre o cobertor é suficiente, por isso descemos à arrecadação para ir buscar a luz de infravermelhos – daquelas que são boas para as dores de costas – e usamo-la como fonte de

calor. O candeeiro é um modelo enorme, largo e bastante caro. Com uma luz assim tão vermelha, que mais parece uma daquelas montras de Amesterdão, fico bastante preocupada que os cortinados de seda revelem aos transeuntes dois corpos suados, colados um ao outro. Ele sabe que eu não bato bem da bola, como se costuma dizer. Tenho de ir lá para fora verificar se alguém nos consegue ver com esta iluminação. Quantas vezes na vida eu mesma não constatei já que as pessoas aparentemente não se importam com os jogos de sombras que as suas lâmpadas de cem *watts* lançam no enquadramento da janela. Uma pessoa saudável, porventura, iria até ficar contente de poder ver uma mulher a despir-se. Mas eu só penso para mim: ó meu Deus, isso não pode acontecer comigo, tenho de evitar uma situação dessas a todo o custo.

Estou, portanto, neste momento a satisfazer o meu marido. Pode dar-se o caso de ele ficar assim prostrado durante minutos e deixar que tudo lhe aconteça. Na maioria das vezes fica deitado de costas, pois há muitos anos que sofre de dores lombares. E uma vez que eu consigo fundir-me tão bem no meu marido, também a mim me ficam a doer as costas. Ele detesta fazer figura de fraco à minha frente. Também só estamos juntos porque eu meti na cabeça que ele era incrivelmente forte. Quando lhe pergunto todos os dias pelas costas, ele fica destroçado. Mas só estou a querer ser amável e mostrar que me compadeço. É o tipo de problema que pode surgir numa relação com alguém mais velho. A questão não é a minha atitude, mas sim o facto de ele se sentir assim tão mal por ter dores de costas na minha presença.

Eu acho que para ele também é uma novidade estar simplesmente assim deitado. Antes de mim, teve sempre mulheres que tinha de satisfazer até à exaustão, não sobrando depois grande coisa para ele. Ora então muito obrigada, querido movimento feminista! Também a intenção não era que só as mulheres se viessem e os homens fossem obrigados a ficar quietos a olhar. O meu marido adora que eu seja a sua serviçal na cama. Repito tudo o que posso e que acabei de descrever, primeiro num ritmo acelerado e depois devagar. Já não preciso de pensar muito na coisa. Tudo se desenrola por si, como se fosse uma droga a actuar.

Quando estamos na cama, esqueço-me do espaço e do tempo. É o único momento do dia em que consigo desligar. Acredito realmente que a chave está mais na respiração do que no sexo, mas talvez esteja nas duas coisas. Ao contrário daquilo que a minha mãe queria, aprendi ao longo dos anos, nas sessões de terapia, que também sou um ser sexual. Estou lentamente a aprender a tomar consciência do meu próprio desejo.

Antigamente, o que corresponde a todo o tempo até agora passado com o meu marido, imperava na nossa relação o estúpido lugar-comum de que a mulher nunca tem desejo sexual e que é o homem quem quer fazer amor a toda a hora e em toda a parte. Mas quando ele me conseguia mesmo excitar, eu pensava para comigo: porque é que não sou eu a ter a ideia de ir para a cama? Porque é que não sou eu a seduzi-lo? Porque é que tem de ser sempre ele a vir ter comigo? Para ele era bastante humilhante tomar a iniciativa e ser constantemente rejeitado. Isso originava muitas discussões. Eu era obrigada a mentir quando afirmava que tinha vontade de fazer sexo. Nunca tinha vontade. Apenas participava para lhe fazer o favor, pois sabia que, caso contrário, a nossa relação estaria condenada ao fracasso. Toda a gente sabe isso: se as coisas já não correm bem na cama, então é uma questão de tempo até ir tudo por água abaixo. Estou absolutamente convencida disso. Mas uma vez ultrapassada a apatia inicial, então era sempre a subir. E no final dizia-lhe sempre a mesma coisa: porque é que simplesmente não me lembras no início de que eu me divirto imenso na cama? É que assim não precisavas de pedir tanto!

Graças à minha psicoterapeuta, agora, cada vez mais, sou eu quem toma a iniciativa. Duas vezes por semana digo: “Que tal hoje outra vez?” Na parte dos preliminares, não posso deixar de ser o mais altruísta possível, pois sei perfeitamente que depois irei receber o mesmo de volta, ou mais ainda. Independentemente do esforço que emprego para o satisfazer da forma mais perversa que consigo, é impossível igualá-lo nos dotes orais. Pergunto-lhe muitas vezes se, para ele, aquilo que eu lhe faço chega sequer aos calcanhares do que me faz a mim. É algo que jamais iremos descobrir.

Quando sinto que já chega de lhe dar prazer, começo a parar devagarinho. Ele percebe sempre e põe-se a tratar de mim de forma muito

agradecida. Abre-me as pernas e coloca a cabeça no meio delas, para poder ver tudo bem de perto. Põe-se a examinar-me ao milímetro, como um ginecologista. Os adultos também dizem “brincar aos médicos”? É que, em todo o caso, é disso que se trata. Convém ter tomado banho no próprio dia. Quem olha e cheira assim tão perto repara na mais pequena impureza. Ele pega-me na mão e coloca-a sobre a minha vagina. Sei precisamente o que isso quer dizer. Quer que eu me masturbe diante dele. É uma coisa que nunca faço sozinha. A minha mãe educou-me de uma forma muito feminista. Acho que alguma coisa correu mal na minha educação e que me tornei uma espécie de católica sexual. Nunca na vida me masturbei. A única coisa que poderia ser considerada masturbação, no sentido mais lato do termo, é um envergonhado coçar de pêlos púbicos. Acho que com isso me estou a enganar a mim própria. Começo primeiro por sentir uma comichão lá em baixo, depois ponho-me a coçar os meus curtos pêlos púbicos, na maior parte das vezes quando estou deitada na cama. Quando reparo que isso me começa a excitar, paro de imediato. Depois não continuo, constrangida por um qualquer motivo estúpido e retrógrado. Muitas vezes associo a minha excitação a uma qualquer doença genital, pois não quero simplesmente admitir que estou excitada.

Quando não fazemos sexo durante um par de dias e me ponho às vezes a coçar-me na cama, debaixo do cobertor, então a excitação pode começar a incomodar a sério, embora eu não queira reconhecer que estou excitada, preferindo pensar que tenho um fungo ou uma infecção urinária, ou então que apanhei herpes, ainda que seja completamente imune a isso, caso contrário, já teria tido herpes há muito tempo. É o que se diz sobre o herpes: ou se apanha ou não se apanha, e parece que eu sou imune. Ao menos sou imune a alguma coisa. Estes pensamentos em relação a uma possível doença permanecem-me na cabeça até eu fazer sexo, naturalmente por iniciativa do meu marido. E com isso todas as preocupações se desvanecem de um momento para o outro.

Quando o meu marido pede, faço para ele a melhor sessão de masturbação de todos os tempos. Fica a observar-me e lá vou eu a toda a velocidade. Roço-me e esfrego-me que nem uma louca. Nunca me olha

nos olhos, nem uma única vez. Eu consisto única e exclusivamente de vagina! Eu sou a minha vagina. Posiciona-se com a cabeça entre as minhas pernas e começa a observar com toda a atenção enquanto eu remexo aquilo tudo, conforme pude ver em filmes de masturbação na Internet e em DVD. Os seus olhos, nariz e boca ficam apenas a alguns centímetros dos meus lábios vaginais. Ponho-me a fazer movimentos circulares com o clítoris, afasto os lábios vaginais e começo a esfregar lá no meio. De vez em quando meto um ou dois dedos lá dentro e ponho-me a foder-me a mim própria. Mesmo que isso para mim seja mais divertido do que propriamente excitante, ao ver como ele fica excitado, também acabo eu própria por me excitar.

Ele não aguenta muito mais tempo e quer fazer com a pila aquilo que o meu dedo está a fazer. Ponho-me diante dele, completamente nua e abro as pernas o mais possível. Ele aproxima-se e bate duas vezes com a pila dura na minha vagina. Acho que também foi uma coisa que viu num filme pornográfico. Mas até gosto que ele me faça isso, embora não saiba dizer exactamente porquê. Uma ou duas pancadas e depois todo lá dentro. Na maioria das vezes venho-me bastante depressa. Basta um par de penetrações e já estou despachada. A minha mãe e outras pioneiras feministas educaram-me na ideia de que o orgasmo vaginal é coisa que não existe. Estão sempre entre mim e o Georg, sussurando-me ao ouvido: “O orgasmo vaginal não existe!” Agora, aos 33 anos, tenho infelizmente de descobrir por mim própria que não é verdade. Sempre tive esse tipo de orgasmo na cama e achava que era psicológico. Pensava que só me vinha porque adorava a ideia de ser penetrada, pensar que ele estava dentro de mim, que ele me enchia toda, oh sim, sim, sim, sem com isso me estimular o clítoris. Isto porque, por razões políticas, me fora inculido de forma bem convincente que não é possível uma mulher vir-se a não ser por via do clítoris! É, portanto, evidente que uma pessoa acaba por pensar que está louca ou que, em todo o caso, tem uma imaginação bastante fértil. Apercebi-me na cama de que a minha educação feminista está muito afastada da realidade. Nas costas da minha mãe e da feminista Alice Schwarzer, sem que portanto ninguém me ouvisse, pensei para comigo: Elas estão enganadas! Eu tenho esse tipo de orgasmo quase sempre! O orgasmo vaginal afinal existe! Merda! Agora li também a

confirmação científica disso mesmo no número 20 da *Geo Kompakt*, a minha revista preferida. O título da edição é “Amor e Sexo”. Aprendi bastante com essa leitura, muito mais do que na revista *Emma*. A Alice Schwarzer está sempre connosco na cama, sentada entre mim e o meu marido, murmurando-me ao ouvido: “Pois é, Elizabeth, o orgasmo vaginal está só na tua cabeça, não passa de uma coisa que tu imaginas para te submeteres ao teu marido e ao poder do seu falo.” No referido número da *Geo Kompakt*, fiquei a saber que há duas formas de uma mulher ter um orgasmo, e que ambas também podem acontecer ao mesmo tempo. Em termos leigos, o orgasmo vaginal é transmitido ao cérebro através das vias nervosas dos intestinos, enquanto o orgasmo clitórico é através da espinal medula. Por vezes tenho um orgasmo muito intenso, e isso é possivelmente quando acontece das duas maneiras ao mesmo tempo. Sinto também que me venho mais depressa quando faço amor à minha maneira, ou seja, quando sou eu quem efectivamente guia os movimentos de penetração, quando sou eu a ir contra a pila do meu marido e não tanto ele a penetrar-me. Quando assim é, venho-me numa questão de segundos. Faço imenso barulho. Perco absolutamente o controlo. E já está. Ele tem sempre de ter muito cuidado para não se vir, pois fica naturalmente muito excitado quando eu me sirvo dele a meu bel-prazer. Ele faz notar como fico excitada com a pila dele, mas talvez isso seja só imaginação sua e, na verdade, seja eu que me excito a mim mesma. Tem, portanto, de se concentrar a sério por um breve instante e pôr-se a pensar na sua mãe católica ou coisa do género, até eu acabar sem que ele se tenha vindo antes e a coisa ficar por ali. Fico bastante agradecida por ele me dar prioridade de forma tão abnegada. Creio que, em sete anos de relação, só por três ocasiões se veio cedo demais, acabando assim com a possibilidade do meu orgasmo vaginal. Mas, de todas as vezes, compensou-me com a língua e com os dedos das mãos e dos pés. Acabo por sair bastante a ganhar com o seu sentimento de culpa.

Não contando com estas três excepções, ele está sempre lá quando me venho. E depois, tal como no início, sou eu quem volta a servi-lo sexualmente. Essa é a única ocasião em que falo durante o sexo. Infelizmente não sou mulher para dizer palavrões e coisas porcas, possivelmente pelo mesmo motivo por que não me consigo masturbar.